

O ENSINO INTUITIVO E SUAS POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁXIS EDUCATIVA: UM ESTUDO DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS DA ESSÊNCIA E DA EXISTÊNCIA EM SUCHODOLSKI

INTUITIVE TEACHING AND ITS POSSIBILITIES FOR AN EDUCATIONAL PRAXIS: A
STUDY OF THE PEDAGOGICAL THEORIES OF ESSENCE AND EXISTENCE IN
SUCHODOLSKI

ALEXANDRE LAURINO COPELLI

Resumo

Utilizando a metodologia de revisão bibliográfica, este estudo procura mostrar que o ensino intuitivo (Pestalozzi) pode ser utilizado como ferramenta para uma práxis educativa e transformadora (Gramsci), alinhada à noção de uma Pedagogia da Existência (Suchodolski). Para tanto, procura responder à seguinte questão: o ensino intuitivo de bases pestalozzianas alinha-se mais com a noção de uma Pedagogia da Essência ou Pedagogia da Existência? Uma questão ligada ao seguinte objetivo geral: verificar se o ensino intuitivo de bases pestalozzianas pode ser inserida dentro da noção de uma práxis educativa, nos termos de Gramsci. Um objetivo que é desmembrado em outros três objetivos específicos, a saber: (1) descrever a história e noção de ensino intuitivo em Pestalozzi; (2) descrever os conceitos de Filosofia da Práxis e práxis educativa, segundo Gramsci; (3) descrever as noções de pedagogias da Essência e da Existência de Suchodolski. Como justificativa, tem-se a necessidade de situar a corrente pedagógica do ensino intuitivo dentro de teorias pedagógicas e filosóficas contemporâneas, uma vez que o ensino intuitivo, ainda que não tenha desaparecido das práticas da escola atual, é muitas vezes desconhecido enquanto teoria pelos educadores que o enxergam como uma metodologia circunscrita ao século XIX, quando foi criado por Pestalozzi, e onde ganhou grande força com as chamadas “Lições de Coisas”. Conclui-se que o ensino intuitivo, baseado nas ideias de Pestalozzi, difere da noção de aprendizagem intuitiva na História da Filosofia. Enquanto o ensino intuitivo de Pestalozzi coloca o aluno no centro do processo de construção do conhecimento, a aprendizagem intuitiva clássica envolvia a aquisição irrefletida de conhecimento pronto. Portanto, o ensino intuitivo não segue a Pedagogia da Essência, mas sim a da Existência, promovendo uma educação mais viva, humana e criativa, focada na intuição e no contato sensível com a realidade dos alunos. Isso o torna uma abordagem metodológica relevante para as escolas atuais, indo além da sua origem no século XIX e enfatizando a transformação e a reflexão crítica na educação.

Palavras-chave: Ensino Intuitivo. Práxis Educativa. Pedagogias da Essência e da Existência.

Abstract

Using the literature review methodology, this study seeks to show that intuitive teaching (Pestalozzi) can be used as a tool for an educational and transformative praxis (Gramsci), aligned with the notion of a Pedagogy of Existence (Suchodolski). To this end, it seeks to answer the following question: is intuitive teaching based on Pestalozzian principles more aligned with the notion of a Pedagogy of Essence or Pedagogy of Existence? A question linked to the following general objective: to verify whether intuitive teaching with Pestalozzian bases can be inserted within the notion of an educational praxis, in Gramsci's terms. An objective that is broken down into three other specific objectives,

namely: (1) describe the history and notion of intuitive teaching in Pestalozzi; (2) describe the concepts of Philosophy of Praxis and educational praxis, according to Gramsci; (3) describe Suchodolski's notions of Essence and Existence pedagogies. As a justification, there is a need to place the pedagogical current of intuitive teaching within contemporary pedagogical and philosophical theories, since intuitive teaching, even though it has not disappeared from current school practices, is often unknown as a theory by educators, who see it as a methodology limited to the 19th century, when it was created by Pestalozzi, and where it gained great strength with the so-called “Lessons of Things”. It is concluded that intuitive teaching, based on Pestalozzi's ideas, differs from the notion of intuitive learning in the History of Philosophy. While Pestalozzi's intuitive teaching places the student at the center of the knowledge construction process, classical intuitive learning involved the unreflective acquisition of ready-made knowledge. Therefore, intuitive teaching does not follow the Pedagogy of Essence, but rather that of Existence, promoting a more lively, human and creative education, focused on intuition and sensitive contact with students' reality. This makes it a relevant methodological approach for today's schools, going beyond its origins in the 19th century and emphasizing transformation and critical reflection in education.

Keywords: Intuitive Teaching. Educational Praxis. Pedagogies of Essence and Existence.

INTRODUÇÃO

Este estudo trata das questões da Filosofia da Práxis e das possibilidades de uma práxis educativa, delimitando-se a investigar se o ensino intuitivo de bases pestalozzianas, corrente pouco estudada na atualidade, poderia se enquadrar dentro das teorias pedagógicas da Essência e da Existência, propostas por Suchodolski. Com isso, busca-se responder à seguinte questão: o ensino intuitivo de bases pestalozzianas alinha-se mais com a noção de uma Pedagogia da Essência ou Pedagogia da Existência?

Como justificativa, tem-se a necessidade de situar a corrente pedagógica do ensino intuitivo dentro de teorias pedagógicas e filosóficas contemporâneas, uma vez que o ensino intuitivo, ainda que não tenha desaparecido das práticas da escola atual, é muitas vezes desconhecido enquanto teoria pelos educadores que o enxergam como uma metodologia circunscrita ao século XIX, quando foi criado por Pestalozzi, e onde ganhou grande força com as chamadas “Lições de Coisas”.

Diante disso, tem-se como objetivo geral a pretensão de: verificar se o ensino intuitivo de bases pestalozzianas pode ser inserida dentro da noção de uma práxis educativa, nos termos de Gramsci. Um objetivo que é desmembrado em outros três objetivos específicos, a saber: (1) descrever a história e noção de ensino intuitivo em Pestalozzi; (2) descrever os conceitos de Filosofia da Práxis e práxis educativa, segundo Gramsci; (3) descrever as noções de pedagogias da Essência e da Existência de Suchodolski.

Para construção desta pesquisa utilizou-se a metodologia de revisão bibliográfica, com os livros: “História da Ideias Pedagógicas no Brasil”, de Dermeval Saviani; “Cadernos do Cárcere”, de Gramsci; e “A Pedagogia e as Grandes Correntes Pedagógicas”, de Bogdan Suchodolski; bem como

outros livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos. Os textos on-line foram pesquisados no site Google Acadêmico e na base de dados Scielo, priorizando-se estudos em língua portuguesa, dos últimos 10 anos (2012 a 2022), buscados a partir dos seguintes descritores: “Método Intuitivo”, “Filosofia da Práxis”, “Práxis Educativa”, “Pedagogia da Essência” e “Pedagogia da Existência”.

1 HISTÓRIA E DEFINIÇÃO DE ENSINO INTUITIVO EM PESTALOZZI

Antes de discutir o método intuitivo na educação, conforme proposto por Pestalozzi, é fundamental definir o conceito de intuição. Abbagnano (1998), em seu Dicionário de Filosofia, afirma que a noção de intuição, na História da Filosofia, se dá com Plotino, quando esse descreve um modo de aquisição de conhecimento direto e sem intermediários. Neste contexto, intuição trata-se da capacidade de conhecer algo de forma imediata, sem qualquer dependência de objetivos externos ou processos de racionalização. Esse conhecimento provém do interior do indivíduo, não estando vinculado aos órgãos dos sentidos nem à percepção do mundo e das coisas.

Para Plotino, esse modo de conhecimento era superior a outros métodos, como o conhecimento racionalizado ou o conhecimento adquirido, porque era considerado divino. Uma visão parecida com a de outros pensadores, como Platão, que também reconhecia a intuição como fonte de aprendizado, tendo a utilizado para desenvolver sua teoria da reminiscência, a qual propunha que os indivíduos não aprendiam nada de novo, mas somente recordavam o conhecimento que suas almas já possuíam. Essa noção da necessidade da intuição para a aquisição do conhecimento transpassa toda a História da Filosofia, influenciando pensadores posteriores, como Kant, que introduziu o conceito de conhecimento a priori, e mesmo pensadores racionalistas, como Descartes, para quem o conhecimento intuitivo direto era possível, porém suscetível de erro (ABBAGNANO, 1998).

Apesar de a filosofia de Descartes promover o racionalismo, afirmando a mente como fonte de conhecimento, ele próprio reconhecia a existência de outra fonte de conhecimento, a intuição evidente (*evidens intuitus*), que poderia levar tanto ao conhecimento quanto ao engano. Daí a necessidade da dedução racional como ferramenta de validação das intuições, para evitar enganos (ABBAGNANO, 1998).

Analisando a História da Filosofia, verifica-se que a aprendizagem intuitiva remonta ao conceito platônico de que o conhecimento da realidade é inato, estando inscrito na "alma" e devendo ser lembrado e redescoberto pela mente racional e pelo cérebro lógico que nos aprisionam. Esse processo de relembrar racionalmente e conscientemente conhecimento que são inatos ao homem, Platão chama de reminiscência.

Em seu diálogo "Mênon", Platão ilustra essa teoria da reminiscência ao narrar uma história onde Sócrates teria ajudado um escravo analfabeto a resolver um problema de geometria, mesmo que esse nunca tenha estudado o assunto. No livro, Sócrates conduz o escravo a descobrir a solução por si mesmo, apenas desenhando figuras geométricas no chão e fazendo perguntas ao homem (PLATÃO, 2020). Isso sugere que, embora uma criança possa ainda não ter adquirido habilidades específicas, ela possui uma estrutura interna inata que a capacita a aprender qualquer coisa, pois o conhecimento já está presente em sua consciência.

Ainda que a noção de uma aprendizagem intuitiva seja milenar, na História da Educação ela é mais recente, e remonta a Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), um educador húngaro que revolucionou a educação no século XIX. Assim, para ele "o meio essencial da educação intelectual é a intuição" (ZANATTA, 2005, p.169).

De acordo com Saviani (2013), o método intuitivo surgiu para abordar a ineficácia do ensino diante das novas demandas sociais resultantes da Revolução Industrial iniciada no século XVIII e ainda em curso no século XIX. Essa revolução afetou todos os setores da sociedade, incluindo a escola e suas metodologias de ensino. Neste período, a educação começou a se afastar do racionalismo puramente teórico, adotando métodos mais práticos, baseados nos sentidos e nas habilidades dos alunos, por meio de uma variedade de materiais didáticos, como quadros negros, objetos de madeira, mapas e diagramas.

Essa mudança na educação não se limitou a introduzir novos materiais e ferramentas pedagógicas, mas transformou a própria concepção de ensino e aprendizagem. O foco deixou de ser exclusivamente a razão e a aquisição de conhecimento pela memorização e reprodução de informações recebidas externamente, para buscar um novo tipo de conhecimento mais significativo para o aluno, resultado de suas próprias percepções, sensações e intuições, em uma abordagem de aprendizado de dentro para fora (SAVIANI, 2013).

A abordagem do ensino intuitivo e significativo, que deve ser construído pelo próprio aluno, a partir de suas interações práticas com a vida e com os conceitos, nasceu no final do século XVIII, mas ainda é relevante nos dias de hoje. O que pode ser observado em documentos educacionais oficiais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a preparação dos alunos para aplicar conceitos de forma prática e contextualizada (BRASIL, 2018).

Desse modo, o método intuitivo valoriza o aprendizado a partir das experiências dos alunos, promovendo a construção ativa do conhecimento. Isso representa uma mudança significativa na educação, onde os alunos deixam de ser meros receptores de informações e se tornam construtores de seus próprios saberes, com o auxílio do professor. Um conceito que ainda é bastante presente na escola, mesmo que a partir de outros nomes. Daí a necessidade de repensar o conceito do ensino

intuitivo, procurando inseri-lo e atualiza-lo dentro de outras formulações teóricas mais usuais na pedagogia contemporânea.

2 A FILOSOFIA DA PRÁXIS E SUAS APLICAÇÕES EDUCACIONAIS

Uma vez que o ensino intuitivo busca retirar do aluno o conhecimento que esse já possui em gérmen, ou ao mesmo ajudar o aluno a criar o seu próprio conhecimento a partir de sua individualidade e das percepções que esse tem do mundo e das suas realidades interna e externa, então a dimensão prática é uma necessidade do ensino intuitivo. É por isso que este estudo recorre aos conceitos de Filosofia da Práxis e de práxis educacional, na tentativa de mostrar a importância desse tipo de ensino e de como a confluência desses temas filosóficos e pedagógicos podem ser úteis.

Em *Cadernos do Cárcere*, um dos principais escritos de Gramsci, o autor aborda as questões educacionais de forma profunda. Para ele, a educação é tida como um elemento fundamental na formação da consciência individual e coletiva, e também como uma ferramenta política para a transformação social. Sendo que ela, em certa medida, determina os valores, as crenças e as atitudes das pessoas, contribuindo para a construção de sua visão de mundo e identidade (GRAMSCI, 2011).

Desse modo, o modelo de ensino, as metodologias utilizadas e as filosofias e valores propagados pela escola, determinarão as consciências da população. É por isso que um ensino tradicional, baseado em cópia, memorização e reprodução de conteúdos dados externamente ao aluno, e desconectados de sua realidade, criará uma massa de pessoas incapazes de agir criticamente e de compreender as nuances psicológicas, sociais, políticas, econômicas e morais envolvidas naquelas questões estudadas. Algo que é conhecido pelas elites hegemônicas, as quais preferirão esse tipo de ensino àquele que poderá libertar a mente das pessoas, dando-lhes pensamento crítico e autonomia para lutar por mudanças sociais.

A partir disso, é preciso inserir uma outra concepção central da Filosofia da Práxis de Gramsci, que é a ênfase e importância dada pelo autor à cultura, pois ela se mostra como uma ferramenta fundamental na reprodução das ideologias e valores que sustentam a hegemonia de certos grupos sobre outros, influenciando em todas as instâncias e instituições da sociedade, das quais não escapam a escola e o ensino.

Para Gramsci (2011), a cultura é uma construção histórica que está em constante evolução, influenciando e sendo influenciada por diversas instâncias sociais. A cultura é vista como uma "concepção de mundo" que reflete os valores e crenças de um determinado grupo social ou classe dominante, a qual tem o poder de moldar a consciência das massas e influenciar suas ações. É por isso que determinadas filosofias e correntes pedagógicas têm tanta dificuldade de ingressar ou se firmar de fato nas escolas.

Isso porque a escola pode ser vista como uma ferramenta ou instrumento da cultura, em um jogo complexo e circular, onde ao mesmo tempo em que ela é influenciada pela cultura, ela também guarda o potencial de tornar-se sua principal modificadora, desde que passe a ensinar culturas populares ou contra-hegêmicas, que representam as manifestações culturais e os anseios das classes oprimidas (GRAMSCI, 2011)

A luta por uma nova cultura é vista como uma luta política, na qual os intelectuais desempenham um papel importante, pois são eles que teorizam para além das ideias hegemônicas e dos interesses da classe dominante, pensando novas alternativas. Algo que, em teoria já ocorre no campo da educação, onde autores e intelectuais de peso vêm há décadas criando conceitos, teorias e metodologias que buscam vencer o ensino tradicional e todas as limitações que esse impõe aos alunos, ainda que, na prática, não tenham conseguido realmente adentrar nas escolas, que seguem com uma prática educativa distante da práxis transformadora que se busca.

Explicando o conceito de práxis, Souza (2015, p.24) diz que: “Em Marx, a “prática” corresponde à atividade motora, sensorial; assim, pode-se inferir que a “prática” converge ao que os gregos denominavam como *poiésis*. A práxis, por sua vez, significa a ação político-transformadora da realidade”. E é por isso que Vasques (1977, apud Souza, 2015, p.24) diz que “toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis”.

Assim, a práxis é a intervenção “consciente” do homem na sociedade (realidade/mundo). O que significa dizer que a práxis é sempre um posicionamento político que o homem faz. Assim, a práxis pode assumir a perspectiva ativa-transformadora da realidade ou a perspectiva passiva e a-histórica da realidade. De qualquer forma, o homem como ser político, seja qual for sua orientação neste sentido, não pode ser entendido como alguém à margem dos acontecimentos (SOUZA, 2015, p.24).

Ou seja, buscar teorias pedagógicas que implementem uma práxis educacional (ação que visa a transformação social e a luta contra-hegemonica para diminuição das desigualdades sociais e econômicas), não corresponde apenas a utilizar metodologias de ensino mais práticas e contextualizadas para os alunos, como o antigo método intuitivo baseado nas “Lições de Coisas”. A práxis educacional requer a união de conceitos de um ensino mais prático (como o intuitivo), com novas categorias teóricas que deem conta de uma forma de ensino mais transformador, mais crítico e ativamente engajado, como os conceitos da Pedagogia da Existência de Suchodolski.

3 AS PEDAGOGIAS DA ESSÊNCIA E DA EXISTÊNCIA SEGUNDO SUCHODOLSKI

De acordo com Suchodolski (2000), as posições pedagógicas nunca foram homogêneas na História da Educação, sendo que muitas delas manifestam contradições prementes que precisam ser analisadas. Dentre essas visões antagônicas, o autor se debruça sobre as divergências existentes entre

as concepções do que ele chama de Pedagogia da Essência e Pedagogia da Existência. Sendo que enxerga uma relação entre a Pedagogia da Essência e a Pedagogia Platônica, sendo que essa se tornou base para Pedagogia Cristã, que vigou durante grande parte da História da Educação, no que hoje chamamos de Pedagogia Tradicional.

A pedagogia de viés platônico coloca a educação como ferramenta para transformar o ser humano no que ele deveria ser, assumindo que esse teria uma essência comum a todos, que só precisaria ser trazida à tona. Uma visão que figurou desde o helenismo até o renascimento, sendo substituída nas escolas apenas nos últimos séculos (SUCHODOLSKI, 2000).

Isso fez com que a Pedagogia da Essência desvalorizasse tudo o que era sensível, empírico, corpóreo, para só valorizar a razão e as questões mentais e metafísicas. Daí também a sua ligação com uma visão espiritual, onde o papel da educação seria o de ajudar o aluno a rememorar esse conhecimento inato do mundo, especialmente aquele de ordem moral e religiosa, tido como o conhecimento natural e verdadeiro, não suscetível a questionamentos (SUCHODOLSKI, 2000).

O cristianismo, em especial a Igreja Católica, que dominou o mundo durante grande parte de nossa História (toda a Idade Média) manteve, em algum grau, essa visão platônica de ensino e aprendizagem como uma rememoração (portanto ligado à intuição). O que aparentemente faz do ensino intuitivo um método de ensino oposto ao tipo de ensino transformador e crítico proposto neste trabalho, o que sugere que ele deveria ser superado.

Neste caso, pode parecer que não há possibilidades de unir o conceito de ensino intuitivo com o de um ensino transformador e contra-hegemonico, mas há, pela melhor compreensão das diferenças entre o ensino intuitivo platônico e àquele proposto por Pestalozzi. A Pedagogia Tradicional (associada neste estudo com a noção de Pedagogia da Essência e com a Pedagogia Platônica), procurava separar corpo e mente (decorrente do dualismo platônico), afastando o aluno cada vez mais da sua corporeidade e de tudo o que é sensível ou emocional, para enfatizar apenas o mental e racional.

Procurando alcançar o tal “mundo das ideias” de Platão, e afastando o aluno do mundo sensível, tido como ilusório e corrompido, esse modelo de ensino não prioriza as vivências individuais, as particularidades de cada um ou a aprendizagem do aluno a partir de si mesmo e das suas relações com o mundo sensível. Por isso, o que em Platão parece um aprendizado por intuição, é, na verdade, um aprendizado por reprodução acrítica de ideias que vem de fora e sequer devem ser questionadas pelo aluno. Como se as coisas aprendidas na escola viessem de um mundo das formas perfeito e imutável que não deve ser questionado racionalmente, pois a razão seria falha e perigosa. Uma excelente metodologia de ensino para manter (como sagradas) as ideias e valores hegemônicos da sociedade (nos termos de Gramsci).

Isso mostra que há um descompasso, que precisa ser melhor compreendido, entre as noções filosóficas de intuição e aquela da História da Educação, onde o que se chama de ensino intuitivo é

exatamente o oposto do narrado acima. O método intuitivo, de bases pestalozzianas é justamente uma educação voltada para o sensível, para o empírico e corpóreo, em contraposição com os excessos do racionalismo cristão de outrora.

Desse modo, como proposta para melhor acolher o método intuitivo nas correntes pedagógicas, propomos a sua associação com a noção de uma Pedagogia da Existência. Uma visão nascida no Renascimento, que passou a questionar os direitos até então imutáveis do clero e da aristocracia feudal, bem como a moral vigente (SUCHODOLSKI, 2000).

Contanto a história do surgimento deste conceito de Pedagogia da Existência, Suchodolski (2000) diz que a partir deste período passou-se a propor que o homem deveria confiar em si mesmo, nos seus próprios pensamentos, experiências e vontade, sendo que o processo de ensino e aprendizagem deveria ser revolucionado, uma vez que é o aluno e sua individualidade que deveriam assumir a posição central desse processo.

Não se tratava de lutar por melhores métodos de educação, mas mostrar a profundidade ignorada do processo educativo e revelar a sua ligação com a vida real do homem. As ideias da Pedagogia da Existência, ainda vagas, mas já fortes e vivas, manifestavam na obra de Montaigne tendência para revoltar-se contra a Pedagogia da Essência (SUCHODOLSKI, 2000, p.22).

A Pedagogia da Existência expandiu-se durante os séculos XVII e XVIII, quando cresciam as visões laica e científica, decorrentes da Revolução Industrial em curso. Mesmo período no qual as ideais educacionais passam a voltar-se para as noções intuitivas, mais práticas, objetivas e sensíveis (SUCHODOLSKI, 2000). O que mostra que há uma similaridade histórica, e não somente de fundamentos teóricos, entre esses conceitos.

Todavia, inda que ela tenha nascido com força, isso não significou uma vitória da Pedagogia da Existência sobre a da Essência, pois essas visões antagônicas passam a conflitar, com autores desenvolvendo novas variantes das mesmas. É o caso da Pedagogia Humanista/Naturalista, criada por Comenius e Locke, que era ainda carregada de noções da Pedagogia da Essência, sendo apenas uma variante da visão tradicional, onde substituía-se a ideia de uma essência humana de origem divina por uma essência humana de origem natural, colocando-o como mais um animal entre os animais (SUCHODOLSKI, 2000).

Estabelecendo uma conexão entre a visão essencialista e as questões de manutenção de uma hegemonia político e social, trazidas em capítulos anteriores, é possível notar, como afirma Suchodolski (2000), que as pedagogias da Essência eram de fato carregadas de uma visão de classe, uma vez que as elites dominantes sempre acreditaram que a tal essência do homem sempre se realizava melhor nos membros da sua própria classe, mostrando uma visão de superioridade, tida como natural. Daí a dificuldade em superar essas visões pedagógicas, pois como também afirmado

anteriormente, a escola tende a ser uma ferramenta de manutenção dessas visões sociopolíticas e culturais firmemente estabelecidas.

Continuando a narração da história do desenvolvimento das pedagogias da existência, Suchodolski (2000) explica que depois das proposições de Comenius e Locke, ainda essencialista, Kant é o primeiro a partir para uma pedagogia que já não era essencialista, ainda que também não fosse propriamente existencialista. Kant pretendia vencer ao mesmo tempo o dogmatismo tradicional e o ceticismo, a partir de onde propôs uma pedagogia mais moral, pois para ele o indivíduo não deveria desejar nada além daquilo que impõe o dever baseado na lei moral do homem. Com isso, ele propôs um idealismo objetivo, que era ainda uma pedagogia da essência, mas já sinalizava as mudanças que seriam base para uma pedagogia da existência.

Desse modo, como réplica ao criticismo kantiano, Kierkegaard, Stirner e Nietzsche, criam definitivamente as bases da pedagogia da existência no século XIX.

A pedagogia de Kierkegaard afirma que a educação deveria dar-se no sentido da coragem e do pavor relativamente à vida interior, ligada inevitavelmente ao reino solitário da escolha. Ou seja, ele traz a questão da individualidade e da liberdade à tona, finalmente rompendo com noções de que haveria alguma essência comum a nos determinar, e, portanto, a determinar o ensino. Com isso, ele propõe uma variante de Pedagogia da Existência, acrescida de traços metafísicos que o existencialismo retomaria (SUCHODOLSKI, 2000).

Todavia, a Pedagogia da Existência alcançou notoriedade graças sobretudo à ação de Nietzsche, que propôs uma pedagogia livre da noção de uma verdade objetiva e da moral humanista. Ele rejeitou toda a gama dos preceitos morais que vinham sendo ensinadas como naturais (como se fossem uma essência humana), considerando-as ainda como fruto da fraqueza e do ressentimento, defendendo assim uma educação que deveria formar para a vontade de poder. Ele propôs que a educação deveria ensinar a arte de viver acima do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, e calcada na liberdade irrestrita e na consciência moral individual decorrente dessa liberdade e dessa busca por força e potência na vida. O bem e a verdade são para ele uma barreira erguida pelos fracos contra a audácia dos fortes (SUCHODOLSKI, 2000). Aqui, percebemos traços daquela proposição trazida acima, baseada em Gramsci, de que os intelectuais deveriam sempre esforçar-se por criar conceitos culturais e educacionais revolucionários e opostos àqueles da hegemonia.

Concluindo, a história do desenvolvimento das noções pedagógicas, Suchodolski (2000) diz que Nietzsche desenvolveu uma teoria muito especial da Pedagogia da Existência que, na época, apaixonou a opinião pública. Com isso, ele tornou-se um dos precursores da filosofia da vida e, igualmente, fonte de inspiração de uma revolta posterior dos pedagogos contra a Pedagogia da Essência, uma visão que ainda não foi totalmente superada e que encontra ecos em uma Educação Tradicional bastante presente nas escolas.

Para vencer essa Educação Tradicional, ainda fortemente ligada às noções pedagógicas essencialistas, que mantêm uma escola de formação conteudista, racional, positivista, acrítica e diminuidora das potências individuais e criativas de cada aluno, é preciso que os intelectuais da educação (nos termos de Gramsci), construam novos conhecimentos, revejam teorias e conceitos, adaptando-os aos novos tempos e procurando sempre a criação de novas possibilidades contra-hegêmicas. Algo que esse trabalho procurou fazer, ao mostrar que o método intuitivo na História da Pedagogia difere das noções de aprendizado intuitivo na História da Filosofia, podendo ser visto como uma excelente ferramenta e metodologia para trazer o corpo e o sensível para dentro de uma educação da Existência e da práxis (transformadora).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostrou que, ao contrário do que pode sugerir o senso comum, o ensino intuitivo, ainda que busque dentro do próprio aluno as bases para a construção do conhecimento, não se configura como uma Pedagogia da Essência, pois não parte da ideia de que haja uma natureza humana comum a todos, que deva ser alcançada, ou de que os conhecimentos adquiridos no processo de ensino-aprendizagem venham prontos, devendo ser apenas extraídos do aluno de forma irrefletida.

Assim, verificou-se que o ensino intuitivo de bases pestalozzianas difere da noção de aprendizagem intuitiva na História da Filosofia clássica, onde, em Platão, correspondia a um recurso racional para aquisição de um saber pronto, externo e apreendido a priori pelo aluno (irrefletido). Ou seja, o ensino intuitivo de bases pestalozzianas está alinhado às pedagogias da Existência, sendo um recurso que coloca o aluno na centralidade do processo de construção do conhecimento, o qual só pode ser adquirido pelo contato sensível e corporal com o mundo real em que esse aluno habita.

Por isso o método intuitivo de ensino pode ser visto como uma possibilidade a ser aplicada nas escolas, não sendo uma metodologia datada ao século XIX, onde foi criado e se expandiu nas “Lições de Coisas”. Ele é uma abordagem metodológica de grandes potencialidades para as escolas que têm a obrigação de procurar métodos educacionais que suscitem uma educação mais viva, humana, criativa e voltada para a intuição e para o contato sensível com as coisas da realidade dos alunos, focando menos na aquisição fria e racionalista do conhecimento e dos conteúdos curriculares e mais nas possibilidades transformadoras e crítica-reflexiva de uma práxis educacional.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília. 2008.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Edição Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

PLATÃO. **Diálogos de Platão: Mênon – Eutidemo**. Edufpa, 3ª edição, 2020.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Autores Associados, 4ª edição, 2013.

SOUZA, D.B. **“São Paulo faz escola”: o conceito de práxis educativa e práxis educacional no currículo das escolas estaduais de São Paulo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba-SP, 2015. Disponível em:
https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8544/SOUZA_Diogo_2015.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 10/10/2023.

SUCHODOLSKI, B. **A Pedagogia e as Grandes Correntes Pedagógicas**. Livros Horizonte, 2000.

ZANATTA, B.A. **O método intuitivo e a percepção sensorial como legado de Pestalozzi para a geografia escolar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 165-184, 2005. Disponível em
[<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/NCMKcw5T7Ff3xc3vRRyK7Nm/?format=pdf&lang=pt>]. Acesso em: 10/10/2023.